

Campos da política - muitos espaços, vários caminhos¹

Carla Ferretti Santiago²

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros³

Quais são os campos da política? Quais são as trajetórias que configuram o fazer político? Responder a essas questões demanda bem mais do que refletir sobre o subtítulo do XVI Simpósio do Instituto de Ciências Humanas, cujos desdobramentos – ou alguns deles – ora se materializam neste volume da Revista do ICH. Para apresentar a multifacetada produção aqui contemplada, inicialmente cabe uma metarreflexão – por que esse título? Por que esses trabalhos aqui organizados em coletânea – numa ordem específica, mas que poderia ser bem diversa. Que lupas / lentes ou chaves de leitura nos propiciaram chegar, após um evento tão marcante, a este produto – que é, também, ícone do processo vivenciado? Passemos, por isso, a essa reflexão que se desvela (daí o prefixo “meta” para indicar que o exercício ora realizado é de conhecimento por parte daquele sujeito que conhece)...

Espaço é uma palavra iminentemente polissêmica. Entre as várias acepções, uma das mais comuns remete à extensão que contém a matéria existente. Se, por um lado, espaço é a parte (concreta) ocupada por um objeto sensível, metaforicamente esse termo ganha conotações as mais variadas – o espaço da educação, o espaço do diálogo, o espaço do poder, o espaço da leitura, o espaço da política...

Assim, campos são terrenos planos, dedicados a algo (à agricultura, em princípio); são terras lavradas, campinas, campanhas, planuras... são espaços, nesse sentido – têm materialidade, função social, etc. mas, sobretudo, são *lócus* da produção humana, da produção de si e da produção de condições concretas de (sobre)vivência, de produção de (inter)relações sociais, portanto, de produções culturais, sociais, econômicas, etc. Assim é que, também, nos referimos ao “campo das Humanas”, ao “campo das Exatas”, ao “campo das ciências da natureza”, entre outros.

¹ O evento ocorreu em diversos espaços da PUC Minas Coração Eucarístico, no período compreendido pelos dias 17, 18 e 19 de setembro/2018. Houve atividades diversas, desde palestras a apresentações culturais, comunicações, minicursos, etc.

² Diretora do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas. Professora do Departamento de História. E-mail: cferretti@uol.com.br.

³ Professora do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas. Editora Gerente da Revista do ICH. E-mail: evangelabrbarros@gmail.com.

E quando nos referimos a caminho? Caminho é também espaço, na dimensão física de algum lugar pelo qual se transita; é estrada, via, trilha, passagem – e metaforicamente, é também acesso, via (viabilização) – e nessa junção (outro item do campo semântico do espaço) temos o olhar sobre a política.

Caminho traz, ainda, a ideia de uma construção que se faz ao caminhar, percurso não linear construído por aqueles dispostos à caminhada. Assim, remete-nos aos inúmeros e sempre inconclusos trajetos sobre o campo do político. É sobre acesso – a bens culturais, sociais; a direitos inscritos na Constituição Federal desde 1988, nossa Constituição Cidadã, mas ainda não materializados; é sobre a trajetória para o alcance de metas (institucionais, como o Plano Nacional de Educação) ou objetivos (alcançar o ensino superior num país de desigualdades gritantes, de inaceitável distribuição de bens e privilégios a uns em detrimento de outros...) que o Simpósio nos convidava a refletir. Trajetória social com altos e baixos, com avanços e retrocessos, numa relação especular com a trajetória de vida no âmbito individual, também marcada por picos e declínios, espaços de alegria e vitórias, mas também de vales e muros de lamentações...

Em síntese, o olhar reflexivo sobre esses distintos campos e caminhos contribui para a compreensão de que a política é muito mais do que um momento eleitoral, por mais que este seja um contexto de suma importância. Para além das eleições, o XVI Simpósio do ICH optou por uma abordagem que agregasse diferentes dimensões, espaços e possibilidades do campo da política.

Partindo da leitura proposta pelo tema / título do XVI Simpósio do ICH, temos um eixo transversal a unir todos os cursos do ICH – Geografia, História, Letras e Pedagogia –, mas não apenas esses, visto que o “campo da política” congrega / agrega a todos – estudantes, professores, funcionários, comunidade –, conclama-nos à (re)leitura, análise, reflexão sobre a realidade – dela partindo, a ela retornando. O olhar atento e reflexivo sobre distintos campos e caminhos contribui para a reflexão de que a política é muito mais do que um momento eleitoral, por mais que este seja um contexto de suma importância. Para além das eleições, o XVI Simpósio do ICH optou por uma abordagem que agregue diferentes dimensões, espaços, impasses e possibilidades do campo da política.

Dessa forma, não poderia ser mais oportuna e esclarecedora a conferência de abertura, “O Brasil na era da brutalização dos conflitos sociais”, proferida pelo professor Vladimir Pinheiro Safatle (USP).

Com grande maestria, o professor Safatle instigou a plateia a uma reflexão sobre o momento político-histórico que experimentávamos àquela altura – a iminência da votação para presidente e os imensos conflitos entre duas narrativas de país, visceralmente antagônicas, com desdobramentos diversos para o cotidiano de todos os brasileiros a partir dali. Representações sociais, discursos e

contradiscursos, a agenda proposta pelos partidos políticos foram alguns dos temas buscados para análise e debate, bem como o papel emblemático de Paulo Freire, como pensador da educação e suas contingências há décadas, cujos trabalhos, menos (re)conhecidos por tantos aqui no Brasil, acabaram por ter papel decisivo na elaboração de projetos de sociedade em vários países nos quais o emérito professor e estudioso trabalhou ou aos quais prestou assessoria.

Na sequência, apresentações culturais, apresentações de trabalhos (de pesquisa, de extensão), mesas-redondas cuja temática recobriram temas variados – Arte & Política, Cidade & Política, Terra & Política –, bem como minicursos de grande teor cultural – tudo isso, em conjunto, nos remete ao fato de que a política, em suas diversas manifestações, materializada em práticas discursivas variadas e dinâmicas, é instituída e instituinte – ela cria realidade, mas também é criada, transformada, recriada, ao sabor dos sujeitos e a leitura que fazem do próprio modo de ser e de estar no mundo (nesse mundo, especificamente).

Dada a relevância do evento, a abrangência dos temas abordados, a riqueza promovida pela interdisciplinaridade, pelo diálogo entre os graduandos e/ou egressos dos diversos cursos, pela interinstitucionalidade – visto que professores e estudantes de outras instituições superiores são também protagonistas nesses dias de realização do Simpósio –, pensar nesta publicação – uma edição especial com alguns dos trabalhos apresentados nos pareceu algo não apenas factível, mas também desejável.

Assim, para além dos envolvidos nos três dias do evento, a organização desse volume tem a pretensão de atingir a muitos mais. Sujeitos que, como nós que aqui pensamos a realidade sob determinada ótica, a expressamos sob determinada lógica, inscritos num determinado contexto sociopolítico e histórico, tenhamos como dialogar com outras vozes – algumas semelhantes, outras dissonantes, mas na clara convicção de que “um galo sozinho não tece uma manhã”. Naquele momento preciso, o professor Safatle compartilhava conosco a sua leitura da sociedade brasileira contemporânea, nos levando a refletir com relação a certas perspectivas, ali apenas projeções; hoje, temos uma outra conformação de realidade – a sociedade é dinâmica e plural, muitas expectativas se cumprem, outras se diluem sob ventos desfavoráveis.

São muitos os caminhos, os espaços na esfera social a serem (re)conquistados, muitos campos a serem desbravados, cuidados – que a educação, o norte do Instituto de Ciências Humanas desde sempre, possa trazer contribuições relevantes à construção de novas e melhores trajetórias para a sociedade brasileira, em seus inúmeros (e alguns persistentes) desafios...

Neste volume, o(a) leitor(a) encontrará uma comunicação – “A escola e a formação dos valores éticos e morais de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: um estudo de caso”, de Poliane Marta Rezende Pádua, na qual a autora discute o papel da educação no

processo de construção da moralidade e do senso ético e de alteridade, a partir da pesquisa realizada em uma cidade mineira próxima à capital. Na sequência, temos dois instigantes artigos que tratam do ensino de Matemática, por meio de estratégias / instrumentos de ensino mais inovadoras: “Uma análise do Pensamento Argumentativo Geométrico com Atividades de Provas Experimentais”, de Sabrina Alves Boldrini Cabral e Eliane Sheid Gazire, e “O uso do origami na prática de professores que ensinam matemática: uma abordagem axiomática em construções geométricas”, de Anita Lima Pimenta e Eliane Scheid Gazire. Frutos de pesquisas da pós-graduação *stricto sensu* em Ensino de Ciências e Matemática, ambos os trabalhos trazem relevantes contribuições à área.

O artigo seguinte, “Os impactos de experiências de contextos de vulnerabilidade social sobre os processos de aprendizagem: o aluno entre o enfeitamento e a escola”, de Marina Taís Gabriel da Silva, Poliane Marta Rezende Pádua e Matheus de Oliveira Guimarães, traz discussão acurada sobre interferências de aspectos socioeconômicos, culturais e afetivos sobre o desempenho escolar de um conjunto de crianças do ciclo inicial, acompanhadas extensivamente pelos pesquisadores.

O quinto artigo, “Trabalho docente, saberes docentes e base de conhecimento: contribuições de Maurice Tardif, Claude Lessard e Lee Shulman”, de Letícia Mendonça Lopes Ribeiro e Aline Cristina Miranda, traz uma discussão extremamente relevante sobre questões cruciais à formação do professor, seja aquele voltado para a educação básica ou superior.

O sexto trabalho, “Entendendo as relações de poder instauradas na sociedade através dos discursos da esfera política”, de Emerson Lázaro Sebastião de Andrade, traz uma análise dos sentidos construídos e das relações de poder instauradas por meio de textos que circularam na mídia sobre o conflito entre Estados Unidos (representado por seu presidente, Donald Trump) e a Coreia do Norte (por meio dos discursos de Kim Jong Un).

Fechando com grande qualidade o volume, temos o artigo “A bacia hidrográfica do Rio das Velhas sob a ótica regional, uma análise entre os anos de 1991-2015”, em que os estudantes da Geografia, Glaycon de Souza Andrade e Silva e Gleyber Eustáquio Calaça Silva, sob a orientação da professora e coautora Ana Márcia Moreira Alvim, apresentam alentado estudo de aspectos humanos e físicos da bacia do Rio das Velhas, buscando correlacionar determinados aspectos atuais à forma de colonização e constituição dessa região.

Esses são alguns dos inspirados trabalhos que constituíram o foco do olhar e das discussões durante o XVI Simpósio do ICH. Esperamos que a leitura possa trazer novas questões, fomentar novos conhecimentos, emular novas discussões, reflexões e posicionamentos. O saber não ocupa espaço, dizem os antigos – e, diante da riqueza dos debates no evento, percebemos que há muito espaço (sobretudo político) a ser (re)conquistado... e para isso, saber se faz preciso – e precioso.